



A DISSONANTE REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: DA SIMPLES DENÚNCIA ÀS FORMAS ENCONTRADAS PARA SE DESFAZER OS EQUÍVOCOS¹

THE DISSONANT IMAGERY REPRESENTATION
OF MARIA FIRMINA DOS REIS: FROM SIMPLE DENUNCIATION TO
FORMS FOUND TO UNDO THE MISUNDERSTANDINGS

Rafael Balseiro Zin²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo desenvolver uma reflexão crítica acerca da representação imagética de Maria Firmina dos Reis, cuja fisionomia, mesmo sendo desconhecida dos autos da história e da historiografia literária nacionais, continua sendo veiculada de modo errôneo e distorcido, em ambientes físicos e virtuais. Ao realizar uma leitura sincrônica e de imersão nas principais imagens que são utilizadas para se referir à escritora, o que se pretende é despertar a atenção da comunidade acadêmica e do conjunto da sociedade para os impactos negativos que esse tipo de abordagem racializada gera, tanto na representação social das mulheres negras no país quanto na constituição simbólica da população afro-brasileira, como um

¹ As reflexões que ora apresento são um desdobramento das discussões trazidas por mim no artigo *A dissonante representação pictórica de escritoras negras no Brasil: o caso de Maria Firmina dos Reis*, publicado na terceira edição da Revista do Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP, em novembro de 2016. Diferentemente da primeira versão, onde procuro simplesmente denunciar os equívocos que se instalaram em torno da representação simbólica de Maria Firmina dos Reis, dessa vez, apresento algumas possibilidades recentes de aplicações de imagens, que estão sendo utilizadas com o intuito de se resolver a questão.

² Doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp). E-mail: rafaelbzin@hotmail.com.

todo. Num segundo momento, para além de apontar os equívocos, o que se pretende é apresentar algumas possibilidades recentes de aplicações de imagens, que estão sendo utilizadas no sentido de solucionar o impasse.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Representação imagética; Algumas soluções.

Abstract: The present article purposes to develop a critical reflection about the imagery representation of Maria Firmina dos Reis, whose physiognomy, even though unknown to the records of national literary history and historiography, continues to be misleadingly and distorted in physical and virtual environments. By doing a synchronous and immersive reading of the main images used to refer to the writer, what is intended is to raise the attention of the academic community and society as a whole to the negative impacts that this type of racialized approach generates, both in the social representation of black women in the country and in the symbolic constitution of the Afro-Brazilian population as a whole. In a second moment, in addition to pointing out the misunderstandings, what is wanted is to present some recent possibilities of images applications, which are being used in the sense of solving the impasse.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; Imagery representation; some Solutions.

INTRODUÇÃO

Durante a realização da minha pesquisa de mestrado em Ciências Sociais, desenvolvida entre os anos de 2014 e de 2016 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e que investigou os aspectos centrais que configuram a trajetória intelectual de Maria Firmina dos Reis (1822-1917), autora do pioneiro romance *Úrsula*³, publicado, em 1859, na cidade de São Luís, iniciei uma rápida busca para encontrar alguma imagem que pudesse ilustrar seu rosto, com a intenção de apresentar aos leitores da dissertação alguma referência visual que fosse capaz de identificá-la. Para a minha surpresa, no entanto, me deparei com o fato de que não havia quaisquer fotografias ou mesmo alguma pintura ou desenho que pudessem indicar sua correta fisionomia. Foi então que percebi que, em meio às famílias negras brasileiras, sobretudo aquelas formadas durante o período escravista, os registros visuais são bastante raros, uma vez que as máquinas fotográficas eram caras e, entre as prioridades de despesas, a aquisição de fotos não se fazia presente (ERMAKOFF, 2004). Como consequência disso, quando procuramos por imagens em sítios eletrônicos de busca utilizando o nome “Maria Firmina dos Reis”, entre aspas, é recorrente que o resultado da pesquisa apresente materiais diversos, que variam desde representações embranquecidas

³ Vale lembrar que *Úrsula* não é apenas o primeiro romance de autoria negra e feminina da literatura brasileira, além de ser primeiro de cunho abolicionista, mas é, também, o primeiro romance da chamada *literatura afro-brasileira*, entendida, aqui, como a produção de autoria afrodescendente que tematiza a negritude a partir de uma perspectiva interna (DUARTE, 2014, p. 41).

atribuídas à autora, até desenhos em que os traços utilizados acabam reforçando, de modo estigmatizado, suas linhas de expressão.

Com base nessa situação, e no sentido de apresentar algumas soluções que vêm sendo encontradas para se desfazer os equívocos, o presente estudo reconstrói toda uma cronografia que se estabeleceu em torno do que seria a real imagem da maranhense, com o objetivo de problematizar, numa perspectiva mais ampla, os impactos negativos que esse tipo de abordagem racializada gera. Para tanto, os seguintes procedimentos de pesquisa foram empregados: i) realizar o levantamento de imagens que são utilizadas para ilustrar a semblante de Maria Firmina dos Reis em livros, cartazes de eventos e de exposições, capas de revistas, além daquelas que são disponibilizadas em sítios eletrônicos que contêm material de divulgação sobre sua vida e obra; ii) separar as representações mais substanciais e analisar a forma como elas foram produzidas, o contexto em que foram suscitadas e os possíveis impactos positivos ou negativos que elas podem causar; e, por fim, iii) após realizar uma leitura sincrônica e de imersão nas imagens sugeridas, buscou-se emergir o conteúdo sociológico próprio contido em cada um dos casos.

DISTORCENDO REPRESENTAÇÕES

Apesar de sua importante produção literária e dos aspectos políticos e sociais únicos contidos em sua trajetória, até hoje, tudo o que se sabe a respeito das feições de Maria Firmina dos Reis vem de seu “retrato falado”, que foi registrado por Nascimento Morais Filho em seu livro *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, após colher os depoimentos de Nhazinha Goulart, filha de criação da escritora, e de Eurídice Barbosa, que foi sua aluna na escola mista de Maçaricó:

Traços físicos – Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato falado dos que a conheceram ao andar pelas casas dos 85 anos. Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros, nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos, meã (1,58, pouco mais ou menos), *morena* (MORAIS FILHO, 1975, s/p).

Mesmo havendo essa descrição, por conta da ausência de imagens que consigam determinar, de fato, a real aparência da maranhense, é bastante comum nos depararmos com representações das mais diversas e que acabam sendo atribuídas a ela, mas que não condizem necessariamente com a realidade. O caso mais emblemático, sem dúvida, além de ser o mais recorrente, é a ilustração do

busto da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann, que assinava seus textos com o pseudônimo *Délia*. Feita em bico de pena e de autoria desconhecida, essa imagem foi publicada pela Editora Mulheres na página 193 do livro *Mulheres Ilustres do Brasil*, de Ignez Sabino (1899), em edição fac-símile de 1996. De cor branca e sendo neta de Guilherme Bormann, um alemão da cidade de Hanôver, Maria Benedita Bormann, até onde se pode supor, era bastante diferente de Maria Firmina, que era negra. Embora tenham sido contemporâneas, a escritora gaúcha nasceu em 25 de novembro de 1853, na cidade de Porto Alegre, e faleceu em 23 de julho de 1895⁴, na cidade do Rio de Janeiro.



O problema é que essa imagem, inadvertidamente, se espalhou pelas redes sociais e em demais ambientes e acabou ganhando a confiança do público, fazendo com que a reparação do equívoco seja um tanto difícil de ser realizada. A origem do mal-entendido não é certa. Mas esse fenômeno se evidencia, inclusive, em outra representação recente, que é o quadro contendo a pintura do que se imaginou ser o rosto de Maria Firmina dos Reis. Afixada na galeria da Câmara Municipal de Guimarães durante as comemorações do aniversário de 253 anos da cidade, ocorrido em 19 de janeiro de 2011, essa obra foi encomendada ao artista plástico pernambucano Rogério Martins e, depois, doada ao poder

⁴ Na primeira versão desse artigo, eu havia dito que a data de falecimento de Maria Benedita Bormann era o 15 de maio de 1896, informação que corrijo a partir de agora.

legislativo do município pelo escritor Antônio Noberto, que é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e que esteve presente na solenidade. O quadro, no entanto, foi nitidamente baseado no retrato da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann e, nele, como agravante, a representação da suposta Firmina aparece com o tom de pele ainda mais embranquecido⁵.



A ilustração de Maria Benedita Bormann também serviu como referência para a composição do desenho feito a lápis para representar o rosto de Maria

⁵ Imagens disponíveis em: <http://vimarense.zip.net>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

Firmina dos Reis na mostra *Mulher em destaque*⁶, que ficou em exibição entre os dias 10 e 28 de março de 2014 no Convento das Mercês, em São Luís. Promovida pela Fundação da Memória Republicana Brasileira, a exposição contou com diversos painéis que continham retratos acompanhados de textos descritivos sobre a trajetória de vida de treze maranhenses ilustres e que contribuíram para a construção de uma sociedade mais justa e sem opressão, nos séculos XIX e XX. A proposta da mostra, evidentemente, é de suma importância, uma vez que se preocupou em divulgar e afirmar os feitos das mulheres ali apresentadas. Contudo, ao veicular a imagem da romancista com base na representação de Maria Benedita Bormann, ela acabou colaborando para perpetuar o erro.



A partir de então, uma série de cartazes de eventos ou mesmo matérias de cunho jornalístico divulgadas na imprensa passaram a utilizar como referência o desenho do busto da escritora gaúcha para ilustrar o que seria o rosto da maranhense. O sítio eletrônico *Auroras Mulheres*, por exemplo, em uma publicação sobre a presença de “Mulheres na História”, datada de 23 de março de 2016, fez uma homenagem à Maria Firmina dos Reis da seguinte forma:

⁶ Disponível em: <http://www.fmrbr.ma.gov.br/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.



O cartaz de divulgação do projeto *Escritoras em cena no Brasil do Século XIX*⁷, por sua vez, realizado durante o segundo semestre de 2016, no Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo, localizado no bairro de Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro, também se utilizou da imagem de Maria Benedita Bormann para ilustrar o rosto de Maria Firmina dos Reis.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura
apresentam:

ESCRITORAS EM CENA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

O projeto tem por objetivo resgatar a produção literária de cinco escritoras brasileiras do século XIX, a partir da performance de seus textos, seguida de palestras e debates promovidos por professores que estudam suas obras e o contexto em que foram produzidas.

Beth Araújo
Coordenação e Direção Teatral

Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)
Coordenação Acadêmica

Autoras em cena e em estudo:

20/07 - Francisca Júlia
por Gilberto Araújo

14/09 - Auta de Souza
por Anna Faedrich

19/10 - Maria Benedita Bormann
por Anélia Montechiari Pietrani

23/11 - Maria Firmina dos Reis
por Marcus Rogério Salgado

CENTRO CULTURAL MUNICIPAL LAURINDA SANTOS LOBO
R. Monte Alegre, 306 - Santa Teresa, Rio de Janeiro - RJ
ENTRADA FRANCA
HORÁRIO: 19H

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/laurindasantoslobo>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

Somando-se aos anteriores, o sítio eletrônico *Beleza Black Power*, em uma publicação feita em 15 de novembro de 2016⁸, com o intuito de estimular a leitura de obras literárias de autoria negra e prestando uma singela homenagem à Maria Firmina dos Reis, também se utilizou da imagem de Maria Benedita Bormann para ilustrar o rosto da maranhense:



Já o sítio eletrônico *Leia Mulheres*, divulgou um cartaz do encontro “Maria Firmina dos Reis”⁹, que foi realizado em 18 de dezembro de 2016, no Centro Cultural Brasília Aires de Aguirre, localizado na cidade de Itapetininga, no interior de São Paulo. O evento contou com a participação da escritora Jarid Arraes e teve mediação de Déa Paulino. Note-se que, uma vez mais, o erro se perpetua.



⁸ Disponível em: <https://belezablackpower.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

⁹ Disponível em: <https://leiamulheres.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

A página oficial do *Suplemento Pernambuco* no Facebook, por fim, principal veículo de divulgação e de crítica literária do Brasil na atualidade, fez uma publicação em 13 de junho de 2017¹⁰, ano em que rememoramos o centenário de falecimento de Maria Firmina dos Reis, para divulgar aos leitores o pioneirismo e a importância do romance *Úrsula* para as belas-letas nacionais, o que, em si, já pode ser considerado algo bastante positivo. Entretanto, a imagem utilizada para se referir à maranhense é justamente a do busto de Maria Benedita Bormann. Ao serem notificados sobre o erro por um de seus leitores, como nos mostra o registro abaixo, a publicação foi reeditada com a seguinte informação: “Nota: fomos informados que o rosto da imagem, ao contrário do que nós e muitos outros pensam, não é de Maria Firmina dos Reis”. Ainda que publicação tenha sido mantida sem alterações mais significativas no que diz respeito à figura utilizada, essa foi a primeira vez que o erro foi reconhecido, abrindo possibilidades para que novas representações pudessem ser elaboradas.



Os exemplos sobre a utilização equivocada da imagem de Maria Benedita Bormann para representar o rosto de Maria Firmina dos Reis não param por aqui. Todavia, considerando a limitação do espaço e as aplicações que foram apresentadas até o momento, acredito que já foi possível ao leitor perceber a dimensão do problema. Sabendo disso, vejamos agora os casos seguintes.

¹⁰ Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

DEMAIS REPRESENTAÇÕES ATRIBUÍDAS A MARIA FIRMINA DOS REIS

Em 11 de outubro de 1975, em decorrência das comemorações do que se acreditava ser o sesquicentenário de nascimento da romancista¹¹, destaca-se o carimbo feito em homenagem a ela e que foi lançado, solenemente, na cidade de São Luís, no jardim do Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Trata-se de uma marca filatélica elaborada pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com tempo determinado de utilização e que se destina a difundir o trabalho de relevantes personalidades e instituições, bem como assinalar um dado acontecimento histórico, destacando, comumente, o motivo, a legenda, a data e o local de sua emissão. O detalhe da parte inferior, que representa um grilhão de ferro sendo rompido, é marca significativa da luta abolicionista empreendida por Maria Firmina dos Reis através de sua literatura. A imagem de uma mulher de perfil criada para ilustrar o rosto da maranhense, no entanto, pouco dialoga com a descrição contida no retrato falado coletado por Nascimento Moraes Filho, aproximando-se muito mais de uma mulher branca qualquer do que de uma escritora negra.

¹¹ Até o início do segundo semestre de 2017, estávamos bastante seguros de que o 11 de outubro de 1825 era a data correta para se comemorar, todos os anos, o aniversário de nascimento de Maria Firmina dos Reis. No entanto, para a nossa surpresa, durante as atividades do VIII Seminário Internacional e XVII Seminário Nacional Mulher e Literatura, realizado entre os dias 17 e 20 de setembro de 2017 no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a professora Dilercy Aragão Adler (UFMA) tornou pública a informação de que a Firmina, na verdade, não nasceu em 11 de outubro de 1825, mas em 11 de março de 1822. O anúncio foi feito em 19 de setembro de 2017, com base em novas fontes documentais que foram encontradas no Arquivo Público do Estado do Maranhão, para todos os presentes durante a realização da mesa “Maria Firmina dos Reis: centenário de uma precursora”, que contou com a participação do professor Eduardo de Assis Duarte (UFMG), da professora Dilercy Aragão Adler (UFMA) e a minha. Embora pareça um simples dado que corrija um ligeiro desvio de percurso na biografia de Maria Firmina dos Reis, essa informação assume uma importância histórica única, uma vez que, tudo o que sabemos a respeito de sua trajetória individual está contido nos poucos fragmentos encontrados e reunidos nos últimos cinquenta e cinco anos (de 1962 em diante), por um corpo diverso de pesquisadores espalhados pelos quatro cantos do país. Essa novidade, por exemplo, evidencia que Firmina nasceu pouco antes do Brasil se tornar independente de Portugal. Além disso, ela não morreu aos 92 anos de idade, como pensávamos, mas aos 95, o que mostra o quão resistente e longeva foi essa mulher, que dedicou uma vida inteira ao ensino básico, à criação literária e às campanhas abolicionista e pela conquista dos direitos das mulheres em todo o território nacional.

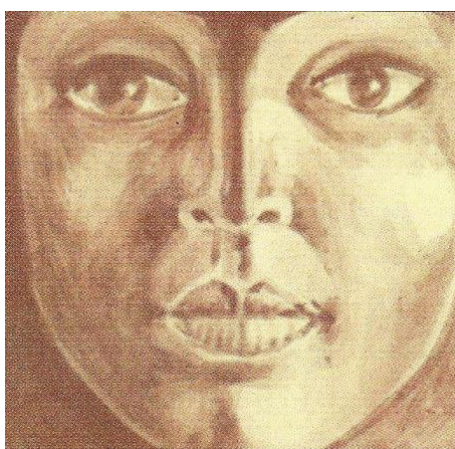


Sítios eletrônicos que tratam da questão racial no Brasil, além de outras mídias virtuais que veiculam conteúdos sobre literatura nacional e estrangeira, por conseguinte, na tentativa de caracterizar Maria Firmina dos Reis em artigos publicados recentemente, acabaram contribuindo para a difusão de imagens distorcidas e errôneas acerca da escritora. O primeiro deles é o portal do *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, uma organização política mantida por militantes negras feministas, criada em 1988, e que tem por objetivo combater o racismo e o sexismo estruturais presentes na sociedade brasileira, bem como valorizar e promover a identidade e a cultura da população negra, de modo mais ampliado. Em um breve ensaio divulgado em 18 de julho de 2015¹², para comemorar o que seriam os 190 anos de nascimento da escritora, o portal exibiu duas ilustrações pouco confiáveis. A primeira, já comentada, é a imagem feita em bico de pena para representar a escritora gaúcha Maria Benedita Bormann. A segunda é a seguinte:

¹² Disponível em: <http://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.



Ainda que sua autoria seja desconhecida, podemos perceber a utilização de traços carregados durante a composição do desenho, que reforçam as linhas expressivas da mulher negra em questão e que acabam conferindo à Firmina um aspecto físico demasiado distorcido. Essa imagem, inclusive, acabou sendo reproduzida em outro importante ambiente virtual, que trata de assuntos relacionados à literatura e às artes em geral: o *Templo Cultural Delfos*. Na página que reúne as informações sobre a vida e obra da maranhense¹³, além dessa ilustração, o portal apresenta uma segunda caracterização do que seria o rosto da escritora, dessa vez, por meio de uma composição mais abstrata, também sem autoria identificada, e que reforça, novamente, seu aspecto físico de modo equivocado.



¹³ Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

Em meio às demais representações que foram utilizadas ou mesmo criadas para atribuir alguma feição à Maria Firmina dos Reis, o caso mais inquietante, sem dúvida, além de ser o mais conflitante, é a imagem impressa no canto inferior esquerdo da capa da revista *Conhecimento Prático – Literatura*, publicada pela editora Escala, em janeiro de 2015, em sua edição de número 58. Evidentemente, para uma escritora que viveu toda sua juventude em pleno século XIX, além dos excessivos exageros observados, essa ilustração apresenta uma série de incongruências e de anacronismos, como é o caso do cabelo *black power*, um tipo de penteado que ainda não era utilizado no Brasil nesse período¹⁴; o uso excessivo de maquiagem nos lábios e na região dos olhos, impregnada de cores fortes e tonalidades vibrantes; o aplique em forma de rosa vermelha, empregado para adornar os cabelos; além de um enorme brinco dourado em formato de argola, que, se somados, em nada condizem com a simplicidade esperada de Maria Firmina dos Reis. Não obstante, fica nítida a tentativa de sexualização da imagem da escritora, uma artimanha recorrente utilizada pelo mercado editorial brasileiro ao retratar meninas e mulheres dos mais diversos contextos sociais. Quando se trata de representar mulheres negras, porém, esse tipo de abordagem é ainda mais preocupante, uma vez que elas precisam lidar cotidianamente com

¹⁴ A trajetória do *black power* (“poder negro”, em português), movimento que dá nome ao penteado, tem início nos anos 1920, na Jamaica, quando Marcus Garvey, tido como o precursor do ativismo negro naquele país, começou a disseminar ideias que visavam romper com os padrões de beleza eurocêntricos e, com isso, promover o encontro dos afrodescendentes jamaicanos com suas raízes africanas. Algumas décadas depois, nos anos 1960, já nos Estados Unidos, o penteado começou a ganhar espaço e se tornou um dos principais símbolos da luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos. As mulheres, no entanto, foram as grandes protagonistas dessa história. Condiionadas desde o tempo da escravidão a alisar o cabelo, elas decidiram andar pelas ruas ao natural, o que causou espanto e resistência da comunidade branca. Dentre as lideranças do período, destaca-se a figura de Angela Davis, que foi militante do Partido Comunista e, também, do movimento Panteras Negras. No Brasil, na década de 1970, o estilo passou a ser incorporado, inicialmente, por artistas negros como Toni Tornado e Tim Maia, que haviam morado algum tempo nos Estados Unidos. Apesar disso, por aqui, a questão estética foi mais forte do que a própria mensagem política, fazendo com que o *black power* se transformasse em “símbolo de modernidade”, tendo sido utilizado por artistas brancos em destaque na época, como Jô Soares, Marcos Paulo e os cantores Roberto e Erasmo Carlos. Aos poucos, o penteado foi caindo em desuso e os alisamentos voltaram a dominar o cenário, gerando sofrimento para muitas mulheres com cabelos crespos naturais, que acabavam se submetendo a tratamentos agressivos dos mais variados tipos. Atualmente, porém, novos movimentos, como o coletivo *Manifesto Crespo*, encabeçado principalmente por mulheres negras, têm retomado o uso de tranças e demais penteados afro para valorizar e recriar sua identidade cultural.

os estereótipos raciais que hipersexualizam seus corpos não somente por seu gênero, mas, também, por seu tom de pele.



Noutra direção, destaca-se a capa do mais novo livro da professora e pesquisadora Algemira de Macedo Mendes, intitulado *A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira: revisitando o cânone*, publicado, no segundo semestre de 2016, pela Chiado Editora, de Portugal.



Embora a ilustração utilizada apresente a imagem de uma mulher negra aparentemente escravizada, ela não se refere, necessariamente, à figura da escritora maranhense. No entanto, em 6 de julho de 2017, o sítio eletrônico *Catraca Livre* publicou uma matéria bastante interessante intitulada “17 mulheres negras brasileiras que lutaram contra escravidão”¹⁵, dentre as quais, encontramos o nome de Maria Firmina dos Reis. Acontece que imagem utilizada para ilustrar o rosto da romancista foi justamente a mesma que aparece na capa do livro de Algemira de Macedo Mendes, fato esse que acaba reforçando os estigmas da escravização, experiência pela qual Firmina não passou, ao menos de modo direto.

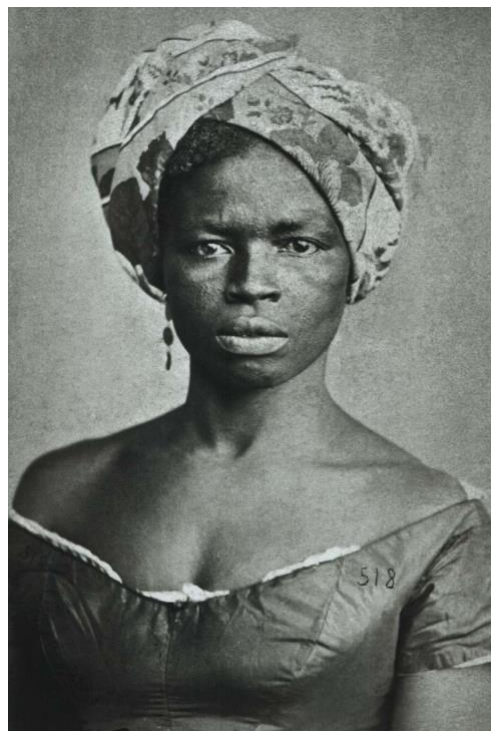


A capa da edição de número 140 do *Suplemento Pernambuco*, finalmente, publicada em outubro de 2017¹⁶, já sabendo da polêmica que se instalou em torno da representação pictórica de Maria Firmina dos Reis, buscou atribuir um possível rosto para a escritora, utilizando, como base, o clássico retrato *Mulher negra com turbante*, registrado no Brasil, em 1870, pelo fotógrafo alemão Alberto Henschel. É bastante comum, inclusive, vermos essa fotografia sendo utilizada

¹⁵ Disponível em: <https://catracalivre.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

¹⁶ Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

para representar Maria Filipa de Oliveira, que foi partícipe das lutas pela Independência da Bahia, entre 1822 e 1823; ou mesmo Luiza Mahin, personagem associada à Revolta dos Malês, de 1835, e que é considerada a mãe do advogado abolicionista Luiz Gama.



De acordo com a publicação feita na página do *Suplemento* no Facebook, em 21 de setembro de 2017¹⁷, para divulgação de sua mais nova edição:

A arte de Karina Freitas representa a imagem de Firmina – cujo rosto a História não guardou. Mesmo sem saber o tom de pele da escritora, a escolha foi por uma conhecida imagem da mulher negra, feita por Alberto Henschel e usada em intervenções urbanas. A figura, de certa forma, dialoga também com a personagem Susana, mulher escravizada que, em *Úrsula*, resiste ao apagamento de sua identidade pelo exercício da memória da liberdade.

Ainda que a iniciativa de se tentar criar novas representações para o rosto de Maria Firmina dos Reis seja louvável, a imagem em questão também contém problemas: ela sexualiza a escritora e reforça, mais uma vez, os estigmas da escravização. E é importante lembrar que o processo de objetificação e de

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/suplementopernambuco>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

desumanização dos corpos negros foi um dos instrumentos simbólicos de opressão e de manutenção da ordem social brasileira mais utilizados ao longo de nossa história, com o objetivo de docilizar e de direcionar esses corpos para o desempenho de atividades braçais, fato esse que se perpetua, até hoje, na dissociação entre trabalho intelectual e trabalho manual, em contraposição aos corpos brancos, insistentemente associados a traços de candura, criatividade, engenhosidade e progresso.

COMO DESFAZER OS EQUÍVOCOS? ALGUMAS POSSIBILIDADES

Uma referência que tem sido recorrentemente utilizada para representar Maria Firmina dos Reis é o busto que foi instalado, em 1975, na Praça do Panteon, ao lado de outros dezessete torsos de intelectuais maranhenses, em frente à Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís. A escultura do artesão Flory Gama, conterrâneo da escritora, foi feita com base nas informações prestadas a Nascimento Morais Filho (1975) por Nhazinha Goulart e Eurídice Barbosa. Posteriormente, as dezoito imagens foram transferidas de seu local de origem para os jardins do Museu Histórico e Artístico do Maranhão, também em São Luís, onde se encontram até hoje.



Tomando como referência a escultura de Flory Gama, a Academia Ludovicense de Letras, em comemoração ao seu primeiro ano de atividades,

ocorrido em 10 de agosto de 2014, divulgou uma imagem em formato de selo para homenagear a escritora na ocasião dos seus 190 anos de nascimento – celebrados, até então, e conforme o exposto, em alusão ao ano de 1825. Essa ilustração integrou o projeto *Cento e noventa poemas para Maria Firmina dos Reis*, encabeçado pela professora Dilercy Aragão Adler, e retrata a autora de modo mais presumível, com o tom de pele escurecido e a expressão facial um pouco mais séria, ao mesmo tempo em que aparenta estar serena.



A partir dessas duas importantes representações feitas com base no retrato falado da escritora maranhense, atualmente, novas possibilidades vêm sendo testadas, com o intuito de solucionar os equívocos ou de, pelo menos, diminuir os impactos negativos que eles têm gerado. Em 30 de julho de 2017, por exemplo, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou em seu caderno *Aliás, Literatura* uma ótima matéria sobre Maria Firmina dos Reis, de autoria da jornalista Bruna Meneguetti, intitulada “No centenário de morte, primeira autora negra do Brasil ganha reedição”¹⁸. Note-se que a imagem utilizada para ilustrar o rosto da maranhense foi justamente a fotografia do busto esculpido por Flory Gama.

¹⁸ Disponível na versão digital em: <http://alias.estadao.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.



Tomando como referência esse mesmo busto, a escritora e cordelista Jarid Arraes, idealizadora do Clube da Escrita Para Mulheres, solicitou para a ilustradora Gabriela Pires, responsável pela criação das imagens e por todo o projeto gráfico de seu novo livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, lançado em junho de 2017 pela editora Polén Livros, que fizesse uma representação de Maria Firmina dos Reis mais próxima da realidade e de suas origens negras¹⁹. O resultado foi o seguinte:

¹⁹ Material de divulgação do livro, disponível em: <http://jaridarraes.com>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.



O periódico eletrônico *Nexo Jornal*, por sua vez, em 15 de junho de 2017, publicou uma reportagem intitulada “Qual a importância de ‘Úrsula’, obra do Romantismo de que pouca gente ouviu falar?”²⁰, escrita pela jornalista Juliana Domingos de Lima, utilizando como referência visual para ilustrar a semblante da romancista, justamente, a criação de Gabriela Pires para o livro de Jarid Arraes.

²⁰ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

FOTO: ILUSTRAÇÃO DE GABRIELA PIRES / LIVRO 'HEROÍNAS
NEGRAS BRASILEIRAS'



📷 NEGRA E ABOLICIONISTA, MARIA FIRMINA DOS REIS
FOI A PRIMEIRA ROMANCISTA DO BRASIL

Alguns meses antes, em 17 de janeiro de 2017, o sítio eletrônico #KDMulheres? divulgou uma matéria intitulada “Maria Firmina dos Reis: escritora negra e nordestina, pioneira do Brasil”²¹, assinada por Patrícia Janiques. E as imagens utilizadas para atribuir um rosto à maranhense foram: a reprodução do selo comemorativo, lançado pela Academia Ludovicense de Letras em 2014; o busto de Flory Gama, de 1975; além da capa da terceira edição do romance *Úrsula*, publicado na cidade do Rio de Janeiro, pela Editora Presença, e em Brasília, pelo Instituto Nacional do Livro, em decorrência do centenário da Abolição da escravatura.

²¹ Disponível em: <http://kdmulheres.com.br/negra-nordestina-e-mulher/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.



Outra aplicação recente baseada no selo comemorativo está contida no cartaz de divulgação do evento²² de entrega de honrarias a pessoas que contribuíram para a construção de políticas do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas de São Luís do Maranhão, cuja homenageada foi Maria Firmina dos Reis. O evento aconteceu em 23 de março de 2017, na Biblioteca Estadual Benedito Leite, em São Luís, durante as atividades do Seminário de Bibliotecas Comunitárias da cidade.



²² Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/bpbl/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

Por fim, figurando entre as possibilidades mais recentes, e podendo ser considerada a criação mais original até o momento, temos a caricatura de Maria Firmina dos Reis feita pelas mãos do artista gráfico Toni D'Agostinho, a partir de seu retrato falado, para integrar a exposição *Mulheres que mudaram o Brasil*, inaugurada em 8 de março de 2017, Dia Internacional das Mulheres, na estação República do Metrô de São Paulo. O desenho, além de ser divertido, apresenta propositalmente uma lacuna em forma de peça de quebra-cabeça, como se faltasse algo a ser encaixado em seu rosto, levando em consideração o fato de não haver retratos ou quaisquer imagens que possam identificá-la.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha ficado esquecida por pouco mais de um século, Maria Firmina dos Reis, nos últimos anos, vem ganhando gradativo reconhecimento por parte da sociedade brasileira, por conta de seus feitos e realizações, pela originalidade de seus escritos e pelos pioneirismos que estabeleceu, entre outros contextos, no cenário literário nacional, destacando-se como a primeira mulher, e mulher negra, a publicar um romance no Brasil e a abordar temas complexos para o contexto social em que viveu. Por essa razão, considerando sua

importância histórica, bem como todo o processo de resgate empreendido por pesquisadores e pesquisadoras dos quatro cantos do país, ao recuperar a cronografia que se estabeleceu em torno do que seria a sua real aparência, a intenção desse estudo foi desenvolver uma reflexão crítica sobre as aplicações mais recorrentes atribuídas a ela e seus possíveis impactos. Ao realizar a leitura das principais imagens que são utilizadas para se referir à escritora, o que se percebe, num primeiro momento, é que elas acabam contribuindo para a perpetuação de determinados equívocos, que mais confundem do que ajudam a elucidar um possível entendimento de como Firmina teria sido. Mesmo considerando que, na maior parte das vezes, essas criações tenham sido feitas no sentido de prestar homenagens à romancista, fato é que elas não dão conta de retratá-la em realidade, revelando, assim, as marcas profundas da discriminação racial e de gênero ainda presentes em nossa sociedade. Por outro lado, é preciso reconhecer que as novas possibilidades que vem sendo aventadas para retratar Maria Firmina dos Reis, apesar de sua imprecisão, têm se apresentado como uma via possível de denúncia e de problematização dessas questões e, em alguma medida, de solução do impasse. Ao menos, até que consigamos encontrar em algum arquivo uma foto original que retrate, de modo fiel, a real semblante da escritora.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen Livros, 2017.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira. In: SILVA, Cidinha da (Org.). *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014, p. 41.
- ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.
- MENDES, Algemira de Macedo. *A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira: revisitando o cânone*. Lisboa: Chiado Editora, 2016.
- MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.
- SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brazil*. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996 [1899].
- ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____. A dissonante representação pictórica de escritoras negras no Brasil: o caso de Maria Firmina dos Reis. In: *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, nº 3, nov. 2016, p. 83-101

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 23/05/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 24/06/2018.